



Centro Acadêmico Iara Iavelberg

BOCA

Boletim Oficial do Centro Acadêmico

Número 13

19 de junho de 2001

www.psicousp.org

boca@yahoogroups.com

Tiragem: 250 exemplares

Comunicado aos alunos da graduação do IPUSP Seção de Alunos – IPUSP

A Comissão de Graduação do IP, em sessão de 14/05/01, decidiu que a partir do 2º semestre de 2001, os alunos interessados em disciplinas optativas deste Instituto, deverão se matricular somente na época de retificação de matrícula (13 a 17 de agosto de 2001).

A CG espera que assim os alunos tenham tempo e informações suficientes para sua decisão, pois terão duas aulas antes de efetuar sua matrícula na disciplina optativa.

Datas de matrícula:

- ❖ disciplinas obrigatórias ⇒ 02 a 06/07/2001
- ❖ disciplinas optativas do IP ⇒ 13 a 17/08/2001
- ❖ retificação de matrícula ⇒ 13 a 17/08/2001

A Comissão de Graduação sugere aos alunos que estejam presentes nas duas primeiras aulas da disciplina optativa em que estiverem interessados, a fim de poderem fazer uma escolha consciente.

Lembramos que não haverá possibilidade de retificação de matrícula nas optativas.

Cabe ressaltar que essa proposta se baseia num pedido dos alunos durante o I Seminário de Graduação do IPUSP, realizado no dia 08 de maio deste ano.

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO

NESTA EDIÇÃO:

Preconceito e Consciência: Viver é um bem melhor
A Clínica em Formação: Comissão de Métodos irá se reunir semana que vêm.
Crônicas do IdE: Fragmentos de uma história - Parte 2 e 3 de 4
Manifestação Artística: "O Telefone Vermelho" e "Tudo que Sobe Desce?"
NAC: Oficinas de Cidadania resultam em Grupo de Estudos a partir de agosto
Humor e Apagão: Quatorze dicas práticas para economizar energia.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Carlos Hideaki (Batata) (99)
Guilherme Poguibin (98)
Guilherme Scanducci (97)
Juliana Breschigliari (00)
Nivaldo Freitas (97)
Tiago Novaes Lima (97)

Viver Bem É um Bem Maior

Fernando (01)

Estou ocupando parte desta edição do BOCA impulsionado pelos ótimos textos enviados pela Letícia (01). Se tem uma coisa que me tira da inércia que me é costumeira, é um problema relacionado com sobre a AIDS: o preconceito.

Em uma sociedade como a brasileira, o preconceito é um daqueles problemas que vivem alojados nas entranhas da opinião pública: escondido e poderoso, ele ataca, sorrateiro e despercebido, disfarçado por meio de elevadores sociais e de serviço, diferenças de salários entre classes de pessoas, explosões de shoppings e personagens estereotipados em novelas, comerciais de cerveja machistas e outras formas de manipulação mais sutis, mas nem por isso menos nocivas.

Em nosso dia-a-dia, é um processo bastante comum, observado em situações que vão desde uma garotinha de seis anos tentando se entrosar em sua nova escola até um pai de família como outro qualquer que volta para casa totalmente arrasado por não conseguir matricular seu filho soropositivo naquela mesma escola.

Para os interessados em aspectos sociais, é sabido que o preconceito é no mínimo um fator contribuinte para a manutenção de nossa vergonhosa desigualdade social. As diferenças de salário e jornadas de trabalho entre negros e brancos ou mesmo homens e mulheres e a irrisória porcentagem de “não-brancos” em instituições de ensino médio e superior denunciam uma situação em que e mantêm as classes sociais que são alvo do preconceito (não necessariamente minoritárias) à margem de nosso sistema social, privando o indivíduo “preconceituado” de participações e privilégios seus por direito antes mesmo que possa manifestar sua opinião – em outras palavras, já nasce em desvantagem e sem poder fazer nada a respeito. É claro que há toda uma história de dominação de classes solidamente instalada no Brasil, mas eu acredito que atitudes elitistas e discriminatórias contribuam intensamente para a corroboração e perpetuação dessa história e para que um número cada vez maior desses indivíduos injustiçados seja silenciado momentos depois de aprenderem a falar.

O preconceito é, antes de tudo, um sintoma, uma pista para que verifiquemos que tipos de valores estão sendo veiculados atualmente neste país. Difícil é abordá-los sem

cair num discurso moralista e dogmático (a própria palavra “valores” me soa carregada de conotações negativas). Por isso, questiono: será que uma sociedade cuja juventude atea fogo em índios e espanca homossexuais está preparada para prevenir e/ou combater afrontas ao bom senso coletivo, tais como vultosos desvios de verba, corrupção no Senado e apagões? Será que tais membros (supostamente) ativos dessa sociedade são capazes de olhar com razão e boa vontade pra outro lugar além de seus próprios umbigos? Será que, em face disso, nós, parte dessa mesma juventude, devemos nos deixar levar pelo clima de “temos tudo sob controle” difundido pelo governo e seus megacomparas globais (para citar apenas um)?

Assim como a maioria dos problemas sociais graves, o preconceito está intimamente relacionado com desinformação. Mas atos discriminatórios acontecem a toda hora – vindos, às vezes, de gente muito bem informada, até dentro de nosso próprio convívio. Denunciar tais atos é parte do exercício de nossa cidadania.

Cito mais uma vez o texto enviado pela Letícia (01): “é muito mais difícil lutar, por não sabermos, de fato, quem são nossos ‘inimigos’”. Às vezes, não lutamos a favor ou contra algo que se revela claramente para nós; quantas vezes nos observamos fazendo algo, mesmo sem saber, a curto prazo, por quê? Simplesmente o fazemos e, mais tarde, acabamos por descobrir o que nos impulsionou. Tenho certeza de que a Aurora teve esse sentimento quando, em raros momentos de descanso, se questionava se valia a pena todo o seu esforço e o de seus companheiros, após tantas perdas e frustrações das lutas da ditadura. O seu sucesso está aí, para todo mundo ver. E hoje a gente sabe que valeu a pena, apesar de tudo.

Pego emprestado pela última vez um trecho do texto: “lutar por nossos ideais (...) O importante é fazermos o que está ao nosso alcance”. Eu não concordo com a maioria dos modos pelos quais o engajamento é colocado em prática, então resolvi escrever, fazer alguma coisa. O importante é manifestar-se. O importante é não ficar parado. O importante é lutar para viver bem.

Desculpem o tom de redação de vestibular. Acho que não perdi esse vício, ainda...

ERRATA

O Artigo “Viver é um Bem Maior” do BOCA no. 12 não foi escrito pela Letícia (01), mas sim enviado por ela.

A Clínica em Formação

Comissão da Disciplina de Métodos Irá se Reunir pela Primeira Vez na Próxima Semana

Tiago (97)

Foi marcada para a próxima semana, na quarta-feira, às 12h., a primeira reunião da Comissão que irá pensar a estrutura das disciplinas de "Métodos de Exploração e Diagnóstico em Psicologia Clínica I e II". A comissão é composta por três professores das disciplinas e três alunos eleitos após duas assembleias e o I Seminário de Graduação: "Crise na instituição e suas consequências para a formação". Os professores escolhidos foram Míriam Debieux Rosa, Leila Tardivo e Sônia Meyer; dos alunos, Vera Tchiphchin (3º ano), Ingrid Attan (4º ano) e Tiago Novaes Lima (5º ano).

É neste período que antecede a primeira reunião que os representantes eleitos, juntamente com o Centro Acadêmico, pedem colaboração a todos os alunos que cursaram, cursam ou cursarão a disciplina para pensarem a nossa primeira experiência em atendimento clínico, tanto no plano formal quanto estrutural.

Na última reunião do C.A., ocorreu uma discussão, com apresentação dos problemas e questões levantadas pelos que cursam a disciplina. Algumas questões mais prementes foram levantadas. Farei um esforço de levá-las da maneira como as percebi, abaixo.

Funcionamento da Disciplina no Âmbito Institucional

A disciplina funciona atendendo uma camada restrita da clientela que procura a Clínica do IPUSP. Esta camada é escolhida através de triagem – o cliente conversa com a responsável pela triagem, que vai passando informações diretamente no computador: dados individuais fundamentais e um quadro específico para o preenchimento da 'queixa' do cliente, explicitando as razões pelas quais ele fora levado até lá. Neste espaço, o triador (?) têm já em mente todos os serviços que estão sendo prestados na clínica – atendimento familiar, diagnóstico, etc., assim como pesquisas que pós-graduandos, em que o cliente poderá participar como voluntário. Então, o triador vê se o cliente se encaixa em algum dos trabalhos da clínica. É regra da clínica que o cliente não ficará em fila de espera – se houver disponibilidade, ele é remanejado no menor tempo possível, se não, dispensa-o, dizendo que não existe disponibilidade da clínica para o caso dele.

Assomando-se a isto, observa-se que cada supervisor (ao menos da disciplina de Métodos) sempre envia à clínica uma ficha, delimitando restrições quanto ao atendimento que serão submetidos aos alunos. Neste espaço, as restrições podem ser tanto de faixa etária (como por exemplo, 'não me enviem fichas de pessoas acima de 15 anos'), como de perfil psicológico (como ainda, 'não quero atender psicóticos').

Se este é realmente o caso, cabe perguntar se a clínica não deveria estar em função da demanda da clientela e não a clientela em função de algum dos serviços que a clínica oferece.

Neste sentido, levantou-se na reunião se não é possível que um representante da equipe de triagem não possa fazer parte da Comissão de Métodos, tanto para nos apresentar os meandros institucionais da clínica, como para pensarmos juntos seu funcionamento.

A Questão do Diagnóstico

Cada professor tem autonomia completa em relação ao método que irá utilizar para realizar as supervisões, assim como dos textos que irá dar aos alunos como ajuda complementar ao atendimento. Também, é cada supervisor que irá decidir as tarefas complementares ao relatório diagnóstico que irá ficar nos arquivos da clínica – fichamentos, pré-relatórios, anamnese e descrição das sessões.

Os problemas aparecem quando se vê que nenhum dos professores concorda com outro em relação à própria definição da disciplina – alguns acreditam em uma fase diagnóstica separada da de atendimento. Outros acreditam que o processo terapêutico não se desgruda do diagnóstico e ainda outros chegam ao outro pólo, dizendo que o diagnóstico só se dá no atendimento terapêutico, e que enquanto houver o último, haverá o primeiro.

Ainda, existem supervisores com os quais todos atendem durante o ano todo. Com outros, o atendimento dura cerca de um semestre – formam-se duplas de alunos para cada caso atendido.

O questionamento que vem a seguir é o de que se diagnóstico deve mesmo ser ministrado de maneira separada da terapêutica, se cindindo o processo desta maneira, não se estará fornecendo uma formação falha e um distanciamento prejudicial. Desta forma, o cliente que for atendido passa por tantas etapas e com tantas pessoas diversas que se indaga se este é realmente o 'método' mais eficaz para a formação e para o serviço à comunidade.

O cliente que chega à clínica recebe um papel com dois ou três dias disponíveis para uma fila de espera. Para cada dia, não mais que meia dúzia de pessoas, as primeiras da fila (que precisam chegar por volta das 5 da manhã para garantir sua vaga) são atendidas pelo psicólogo responsável pela triagem. Daí, pode-se passar, entre os outros atendimentos, para a disciplina de Métodos, onde o aluno poderá fazer um diagnóstico do cliente. Deste processo, resulta um relatório diagnóstico, que poderá ser redirigido para outro serviço, com outros supervisores, com outros alunos, com outras finalidades. Dos simpáticos seguranças até o último aluno do último atendimento que segue-se à Métodos, o cliente não será nada menos que remanejado de um canto a outro, num jogo institucional cujos alicerces desconhece completamente.

Ainda, pergunta-se como dois estudantes podem, na mesma disciplina, ter uma formação em atendimento e diagnóstico completamente diversos um do outro – e não importa qual a orientação, ela será obrigatória.

Finalmente, outra pergunta: como um supervisor restringe-se a atender pessoas não psicóticas em sua supervisão, se esta é uma disciplina em que supostamente se 'retiraria' um diagnóstico psicótico. Afinal, o diagnóstico é então duplamente realizado – em triagem e em diagnóstico. E se a triagem tem este poder todo, porque não delegar a etapa 'diagnóstica' do atendimento?

Aqueles que forem abrir seu consultório quando formados, ou mesmo trabalhando em instituições de saúde, se depararão com casos completamente imprevisíveis. Não deverá ser

assim, também, a formação? Esta série de relatórios arquivados e triagens não nos ocultam da realidade do *setting* clínico, a saber, a pessoa em carne e osso que à nossa frente busca ajuda?

Testes Psicológicos

Os supervisores de Métodos divergem também se é ou não importante a utilização de ferramentas psicométricas no atendimento diagnóstico. Enquanto umas se opõem com veemência a este recurso, outro não fazem senão a aplicação de diversos testes (casos que em menos de quatro meses, até seis testes são aplicados na mesma criança), seguida de uma devolutiva ou de um encaminhamento através de um relatório com dados que variam de índice de inteligência até tipo de personalidade. Muitas vezes, neste caso, o aluno não é consultado sobre a sua opinião em relação ao teste, se é ou não necessário, ou se prefere um teste em detrimento de outro.

A questão que se levanta é se estas ferramentas não escondem uma desconfiança sobre o aluno em relação ao que ele acha que deve fazer e se os índices numéricos não são uma maneira de 'transferir' o cliente direto nas mãos do supervisor, sendo o aluno um mero técnico, aplicador de testes.

Atendimento com Crianças

É mais ou menos o mesmo problema que envolve a preferência da maioria dos supervisores de Métodos para o atendimento com crianças. Neste caso, pode-se estar disfarçando uma questão que não é levantada, a saber, a reação de clientes adultos com jovens estudantes de Psicologia. O aluno não deveria saber lidar com os questionamentos do cliente? Para a criança, um jovem é uma autoridade. A criança tem geralmente menos 'fala' em relação ao que sobre ela se aplica. Não é a criança quem decide ir ou não à clínica, mas os pais, ou a escola. É muito mais fácil aplicar uma bateria de testes numa criança, fazendo com que estes testes se passem por brinquedos, do que um adulto, que cansado, poderá abandonar o atendimento quando bem entender.

Segue-se ainda um problema maior. O atendimento com uma criança não prescinde do atendimento aos pais da criança. Assim, logo no primeiro atendimento, o aluno vê-se de frente com duas ou três pessoas na mesma sala. Há quem diga que não há caso mais difícil do que atender mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

Autonomia do Aluno

Existem alguns elementos que nos fizeram pensar sobre a concessão de autonomia ao aluno perante seu primeiro atendimento. O atendimento com crianças, a aplicação de testes psicológicos diversos, a distribuição dos alunos entre supervisores pelos primeiros desconhecidos, a substituição periódica ou permanente de supervisores por outros sem levar em consideração aluno ou cliente são indícios de uma forma de atendimento autoritária, onde a visão do aluno e seu juízo é substituído pela super visão de alguém mais experiente. Por definição, isso deixa de ser formação.

Espaço Físico da Clínica

A clínica, construída há alguns anos, é dividida entre os diversos serviços prestados à ela. Consta de uma Comissão de Zeladoria, que cuida de seu

espaço físico, Comissão esta que agora abre um espaço para um representante dentre os alunos.

Em relação à Métodos, esta o cliente aguarda atendimento em sala de espera ampla, iluminada pela luz natural que penetra por detrás da clínica. Existem quatro salas disponíveis para atendimento em Métodos (uma delas é especial para o atendimento em abordagem comportamental, com câmera filmadora, e ante-sala de observação). As três salas, mais utilizadas pela maioria das supervisões, são completamente brancas. Dentro das salas, duas cadeiras comuns com braços, uma mesa branca circular e vazia e uma pia. Não há quadros na parede, nem plantas no chão. Muitos alunos acharam-nas extremamente inóspitas e carentes de acolhimento.

É impressionante como isso irá fazer diferença no atendimento e é ainda mais impressionante que este caráter por muitos considerado supérfluo indica muito de nossa concepção de clínica, que está longe de ser neutra, mas que acredita sé-la tanto quanto uma sala imensamente branca.

História da Disciplina e Interdisciplinaridade

Ao contrário de ser neutra, a disciplina de Métodos tem uma história. Não é à toa que é como é, mas possui um percurso que permeia o percurso do próprio Instituto e de seu funcionamento. Nele comportam as divisões departamentais no Instituto. A disciplina de Métodos é realizada estritamente por professores do PSC (a não ser por este ano, em que a Profa. Dra. Marlene Guirado, após abaixo-assinado dos alunos, foi aceita como supervisora), sem que seja questionado o porquê, sem que se questione se é possível que nenhum outro professor de outro departamento deseje fazer parte da grade de professores da disciplina.

Não existia algum mecanismo que permitisse e institucionalizasse que outros professores, não importando em que departamento estejam 'filiais', pudessem fazer parte de nossa primeira disciplina de atendimento? E se não existe, não seria o caso de existir?

A Clínica Ideal

Idéia levantada na última reunião do Centro Acadêmico, tentar-se-á uma discussão dos alunos do 3º ano, os próximos a cursar a disciplina, para pensar a forma da disciplina que esperam receber de atendimento no ano que vêm. É muito importante que contribuam com suas expectativas, porque estas, embora talvez não formalizadas ou vagas, refletem muito de nossas expectativas e do que trazemos como herança de toda a nossa formação até agora. Uma disciplina de atendimento não deveria abarcar questionamentos que nos foram colocados por professores que nos deram noções das idéias de M. Foucault, ou mesmo dos filósofos da Escola de Frankfurt? A clínica é uma instituição que não pode ser fechada e conclusiva. Nela, deve haver espaço para uma permanente reconstrução, fruto da reflexão e do debate. Neste sentido, deveríamos assumir uma positiva ingenuidade do olhar e da escuta e uma autonomia de quem crê em uma formação participante e crítica.

Por isso, creio que devemos trabalhar com um ideal de clínica. Não porque desconhecemos os melindres históricos que nos antecedem, mas porque temos consciência que estes melindres são humanamente constituídos e que não estão acima das pessoas do Instituto.

ATENÇÃO

Para aqueles que se interessarem em ser RD do PSE, do CTA, da Comissão de Biblioteca ou da Comissão de Zeladoria do Bloco de Atendimento, há uma lista para inscrições na Val. O prazo é até dia 18/06, e as eleições serão no dia 20/06. Lembrando que estes cargos estão vazios, e quem se eleger agora ficará até as próximas eleições, em outubro.

NAC - Núcleo de Ação pela Cidadania

Oficinas de Cidadania do NAC organizam Grupo de Estudos

Como foi divulgado no BOCA em abril deste ano, o NAC se propôs a organizar no Instituto oficinas abertas em torno do tema Cidadania. Foram quatro encontros no mês de maio, o primeiro numa segunda-feira (14) e outros às terças (15, 22 e 29), nos quais foram discutidos os seguintes tópicos: Cidadania, Psicologia e Cidadania, Ação pela Cidadania e Universidade Pública e Cidadania.

A avaliação dos encontros feita pelos participantes concluiu que as oficinas foram um espaço de discussão que trouxe elementos importantes a serem pensados por nós, cidadãos, estudantes, estudantes de Psicologia e estudantes de uma Universidade Pública. Entretanto, ao nos depararmos com a grande amplitude dos temas propostos, sentimos, em alguns momentos, dificuldade em aprofundar as discussões. Além disso, optamos por não partir de leituras que pudessem servir de parâmetro aos encontros, contando, por outro lado, com a reflexão sobre algumas frases propostas pelo NAC, um breve texto, fotografias e principalmente com a singularidade da experiência de cada participante das oficinas.

Levando essas questões em consideração, surgiu, no fechamento das oficinas feito no último encontro (29), a idéia de criarmos um grupo de estudos em torno das reflexões que queremos aprofundar. Dessa forma, pretendemos não só dar continuidade às oficinas de uma forma diferente, num processo mais aprofundado e teoricamente embasado, mas também reconvidar a todos para participarem desse novo espaço, que se realizará no segundo semestre de 2001, a partir de agosto.

Foi formulada por participantes das oficinas uma proposta inicial de organização dos temas de discussão do Grupo de Estudos, que é a seguinte:

Grupo de Estudos "Cidadania, Universidade e Psicologia"

Módulo I (5 encontros) - Cidadania

1 - Apresentação e debate do filme "O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas", de Paulo Caldas.

2 - Resgate Histórico e Definição de "Cidadania" - Discussão do artigo "O Desafio da Educação para a Cidadania", da Profa. Dra. Maria Victória Benevides Soares, da Faculdade de Educação da USP.

3 - Ação pela Cidadania - leitura a ser escolhida

4 - Reflexões sobre Educação - Discussão do texto "Educação após Auschwitz", T. W. Adorno

5 - Os Discursos da Cidadania: os significados da Cidadania na mídia - análise de textos de revistas, jornais e livros, falas na televisão e no rádio.

Módulo II (3 encontros) - Universidade Pública

6 - As Universidades Públicas Estaduais Paulistas: uma abordagem histórica e política da Educação brasileira - Apresentação e debate do vídeo com a Aula na Greve "Dos Direitos Sociais", ministrada por Marilena Chauí, da Faculdade de Filosofia (FFLCH) da USP em maio de 2000.

7 - A Estrutura e o Funcionamento das Universidades Públicas: o lugar da democracia - Apresentação e debate do vídeo com a abertura do IV Congresso da USP, com Marilena Chauí (FFLCH) e Carlos Bresser Pereira (FEA-USP).

8 - O Movimento Estudantil na USP: histórico e atualidade - leitura a ser escolhida.

(Continua na página seguinte)

Módulo III (4 encontros) - Psicologia

9 - O Conceito de Ideologia - Leitura e discussão do livro "O que é ideologia?", de Marilena Chauí.

10 - A História da Psicologia - Leitura e discussão do texto "Psicologia e Ideologia", de Maria Helena de Souza Patto.

11 - Psicologia e Cidadania - leitura a ser escolhida

12 - Apresentação de Práticas em Psicologia: NEPAIDS, Projeto Fique Vivo, Lugar de Vida e outros.

13 - Encerramento e Confraternização

Os temas, leituras e atividades propostas são uma das formas de planejamento e organização possíveis do Grupo

de Estudos, estando sujeita a modificações conforme as sugestões dos interessados. Contaremos com a presença de professores e outros convidados nos encontros, que estarão sendo contactados o mais breve possível.

Como o espaço é aberto à participação de todos, pedimos que os interessados nos comuniquem o horário e dia de sua preferência para a realização do Grupo de Estudos no próximo semestre, através do e-mail NAC-USP@yahoo.com ou no mural do NAC até o dia 24 de junho, domingo. Estimamos que um tempo de duração interessante para os encontros seja de 3 horas, com periodicidade semanal.

Aguardamos suas sugestões!!!

A Comissão Organizadora

HUMOR E APAGÃO

Lígia (01)

Alguma dicas para evitar o apagão:

- 1 - Não assista TV em casa. Visite os seus velhos amigos e assista às novelas por lá... mantenha a TV desligada na hora do Jornal Nacional e nas tardes de Domingo. Você não vai perder nada de útil mesmo;
- 2 - Só alugue filmes curta-metragem;
- 3 - Reduza o tempo do banho em 3 minutos por dia: por exemplo, deixe de tirar as carepas de trás da orelha e não lave o pé;
- 4 - Nas ruas, economize os sinais: avance ou pare no amarelo, assim economizará o vermelho e o verde;
- 5 - Use o portão automático no manual;
- 6 - Desligue a campainha, as pessoas baterão palmas para você;
- 7 - Só use o elevador do décimo sexto andar em diante;
- 8 - Desligue o ladrão, para poupar o alarme eletrônico;
- 9 - Diminua o consumo de ferro de passar roupa: a nova moda será andar amarrotado pela rua;
- 10 - Diminua o uso da máquina de lavar: já que você vai estar amarrotado ninguém vai ligar se você também estiver sujo;
- 11 - Jante à luz de velas;
- 12 - Aprenda a caçar vaga-lumes para colocá-los em potinhos para servir de candeeiros;
- 14 - E APRENDA A VOTAR!!!!!!!



Nosso reencontro foi apressado, breve e um pouco rígido, de certa forma formal, como encontros entre conhecidos. Estava ansioso e não queria demonstrar, então permaneci distante. A distância persistiu por alguns meses. Deixava Ela tomar a iniciativa para conversarmos: dessa forma pretendia saber seu real interesse por mim. As outras pessoas deviam notar meu exagero nos gestos, nas gargalhadas e na altura da voz quando Ela estava por perto; na realidade fui tímido demais. Lentamente fomos restabelecendo aquela saudosa ligação e nunca nos referimos àquele dia. Esta reaproximação não foi fácil pois coincidiu com meu período de maior revolta. A decepção deixou-me mais amargo. Esta amargura não foi uma surpresa: desde o início do ano comecei a procurar o que realmente me interessava porque me sentia reconhecido em quase nada. A saída foi questionar o que vivi. A partir do questionamento estabeleci meus quereres. Minha atitude com a música mudou. O eclético cansou-se e começou a buscar músicas que possuíam sonoridade singular e dificilmente se encaixavam em rótulos. Os amigos também foram selecionados. Só procurava aqueles que me interessavam e desisti de tentar ser a pessoa popular porque isto me acrescentou pouco. Muitos conhecidos, poucos amigos. Ela foi meu espelho: reconhecia-me nela e por isso quis tê-la. Quando vi a possibilidade de perdê-la, o sentimento de impotência desencadeou a fúria.

Fui um projeto de revolucionário. Um período inocente. Era utópico: sonhava com os ideais que julgava mais acertados e passava a tê-los como verdades. Cada vez menos aceitava as opiniões dos outros. Estava construído um ideal e ignorava quem não possuía idéias próximas. Odiava cometer erros, pois me julgava superior por saber tais supostas verdades. Um perfeccionista, idealista, pequeno, fechado, romântico e, como o menino ingênuo que fui, mais propenso a cometer bobagens a algo útil, eficiente, prático. Troquei a paixão que sentia por Ela pela utopia, quer dizer, para lutar pelos meus ideais. Não durou muito minha revolução pois logo percebi que não havia o certo e o errado. Sempre acreditei haver o bom e o mau, o verdadeiro e o falso: somente dois lados. Mas o que existe são idéias de várias pessoas entrando em conflito e uma maioria, composta por uma parte inerte pela indiferença ou por aceitar os valores historicamente estabelecidos sem fazer qualquer reflexão sobre eles - estes são como uns adesivos - e de uma outra que refletiu e possui uma opinião formada baseada nesses mesmos valores tentando fazer-se entendida ou apenas retendo conhecimento e assim se assemelhando aos inertes, ela decide qual estará valendo, qual funciona. Minhas idéias batiam pouco com as da maioria e então, me consideravam um estranho. Tentei impô-las ou convencê-los? Não, para quê? Ou a maioria aceitava minhas idéias e se adequava ou o inverso e era o que preferia pois sendo superior resistiria melhor à abdicação do meu querer e conseguiria me adequar. Apesar de sentir essa superioridade, que me estragou, a impotência ainda me perseguia e daquela vez ela desencadeou uma certa apatia.

À medida que a paixão pela revolução diminuía, Ela ia ressurgindo. Agora percebo que as duas paixões não puderam coexistir. Na época da minha revolta elaborei um manifesto para iniciar um movimento de reformas, mas, embora quisesse, nunca o mostrei para Ela. Talvez por desconfiar que Ela não gostasse dos autores que me inspiravam, supondo que eles me deixassem deprimido. A depressão acompanhou-me por vezes: tinha crises e um meio para contorná-las era a conversa, sem vergonha de expor medos e fraquezas, buscando alternativas para fugir da rotina que parecia me esmagar. Era difícil encontrar alguma solução, mas mesmo assim ficava feliz por ter apenas compartilhado as angústias. Não esqueço a felicidade que Ela sentiu por mim quando lhe contei que havia superado uma crise profunda. Faltou apenas a discussão sobre o nosso amor. Uma pena o amor só ter existido quando ele se referia ao das personagens de filmes e livros, e ao das outras pessoas. Esse assunto ficou obscuro para sempre.

Parecia que voltávamos àquele saudoso tempo, mas Ela não sentiu o mesmo. Você fala pouco. Isto machucou-me bastante. Talvez fosse verdade pois havia apatia demais em mim. A partir daí começamos a nos distanciar. Sentia-me insuficiente. O silêncio entre nós sufocava e sentia-me obrigado a falar: odeio isso.

Um dia parecido com sonho. Andei uma manhã inteira pensando o que fazer e à tarde, encontrei-me com Ela. Havia uma piscina. Mergulhei e senti caibra. Saí da água com dificuldade e percebi um tumulto. Iriam arremessá-la, vestida mesmo, na piscina. Tentei ajudá-la, mas a perna não cooperou: doía bastante. Ela ficou muito nervosa. Ofereci minhas roupas para que vestisse até as suas secarem, mas não aceitou. Um fato bobo, mas que lembrou minha impotência.

Apareceu um outro. Não era mais a melhor companhia e ele tornou-se meu substituto. Ela aceitou-o de tal maneira que quando senti a ameaça já era tarde. Vi beijos que me machucaram. Foi uma dor intensa e ainda estava escuro. A queda. Depois desse dia não consegui me reafirmar para Ela e senti ciúmes e raiva de não mantermos mais uma conversa decente enquanto ele a cativava cada vez mais. Mais uma perda e o pior é que a perdi para um sujeito tolo: conseguia reconhecer nada meu nele. Isso era absurdo. Reconhecia vários traços meus nela e Ela parecia reconhecer-se nele. Bom, talvez já não a conhecesse direito. Quem mudou? Tanto faz, afastamo-nos. Até tentamos manter contato, mas já éramos estranhos um para o outro. Prefери guardar a imagem da época em que Ela se encaixou na perfeição. Adeus espelho.

Estou cansado. Todas essas lembranças parecem me levar ao nada. Eu fiquei só e isto desagradou-me pois faz tempo que não me satisfaço com minha própria companhia. Eu fico desanimado por saber que preciso procurar outro alguém para poder deixar de sentir-me insatisfeito. O amor serviria para ocupar-me mais com outras pessoas, que fossem capazes de fazer-me sentir reconhecido nelas. Eu indiretamente voltaria para mim mesmo,

mas isto não deixaria de trazer-me uma nova estabilidade, pois o reconhecimento me afastaria da sensação de estar perdido, de ser um estranho. O amor duraria até o dia em que sentisse novamente um estranhamento. Parece-me que esta busca nunca terminaria, pois se na maior parte das vezes não me satisfaço comigo mesmo, por que a companhia de uma pessoa reflexo formaria uma ligação mais estável? Ela será minha maior tristeza. Eu a amei, o que a tornou importante para mim e ao mesmo tempo fez-me considerar ser importante para Ela. Esse outro entre nós fez com que percebesse meu desejo por exclusividade e o absurdo desta idéia. Uma tola concepção, desde o início fadada a ser derrubada. Não seríamos um e nem seria o único para Ela. As pessoas nunca se completam e o que Ela supôs ser incomum entre nós era a semelhança entre eles. Eu me cerquei com Ela em um ideal e quando acabou estava perdido. Amei, mas não se perca, não esqueça sua identidade. É estranho pois Ela tinha assumido um papel tão grande em minha vida que a elevei a uma condição superior. Ela era tão importante quanto Eu. Estive errado: existe uma linha que separa amor da amizade. Eu estabeleci-a quando fiz dela o meu reflexo perfeito, por isso nunca a odiei antes, nem mesmo quando não compreendeu minha explosão. Agora nos odeio por haver nada entre nós, exceto este reviver passado, tão incerto quanto viver o presente, pois se pudesse corrigir tudo ainda assim me depararia com a contingência.

Chega, eu desisto. Voltarei para casa, mas antes preciso me arrumar, senão acharão que voltei pior. Tomei um bom banho, fiz a barba, pus uma outra roupa, penteei-me: tudo isto às cegas mesmo pois estava escuro e faltava luz na casa.

-II-

Eu dei mais uma olhada no relógio. Não me restava muito tempo.

- Eu também acho. Como não conseguimos nos satisfazer decentemente sozinhos procuramos alguém para realmente nos satisfazer e melhor ainda se este alguém parecer conosco. É como desejar a si próprio.

Senti que ela se conteve um pouco, mas acabou falando:

- Bem, não vou mentir: quis conhecê-lo porque me senti atraída por você

- Tudo bem, porque eu também.

Notei seu desconforto.

- Nossa, não é bom ouvir isso!

- Talvez. Mas não deveria porque é a realidade. Você é muito atraente mesmo. É muito fácil ver outras pessoas atraídas por você.

Ela acabou sorrindo.

- Bom, não vou ser modesta: acho que de alguma maneira eu sou bonita mesmo.

- Ainda bem que você sabe disto. Odeio aqueles que se menosprezam e se sentem oprimidos. No fundo acham-se grandes demais e como quase ninguém os reconhece dessa forma adotam essa posição de coitadinhos. É deprimente.

- É, mas às vezes você não se sente assim?

- Sinto e não gosto. Por isso odeio essas pessoas.

Silêncio. Olhares cruzavam-se, depois se abaixavam e se repousavam nos lábios.

- Você sabe que também tive um outro?

- Sei, sei.

- Queria ter certeza. Apesar de você ter tido outras mulheres, não sabia se suportaria um outro como eu.

- Não aprovo totalmente. É óbvio que tenho ciúmes, mas procuro ignorar este sentimento. Ele é absurdo.

- Eu sei, também acho.

Olhou para o chão e depois bem em meus olhos.

- Olha, só não comentava muito dele porque tinha medo de sua reação. Você se mostra forte, mas se magoa facilmente.

- Tudo bem, não diz respeito a mim. É sobre somente vocês dois, por isso nego a exclusividade.

- Mas não é estranho?

- Não tanto; as pessoas nunca se completarão e é normal procurarem outras para preencherem as lacunas restantes.

- Você acha mesmo que nunca se completarão? E quanto a nós?

Desviei o olhar brevemente.

- Bom, se nós nos completássemos não haveria motivo para você procurá-lo.

- É verdade.

Apontou um casal se beijando.

- E aqueles dois ali? Será que eles não se completam? Parecem casados.

- Provavelmente não se dão conta da existência das diferenças ou então assumem que devem superá-las, mas dificilmente superarão. Pelo hábito, permanecem juntos e também negam outras pessoas quando sentem que elas preenchem certas lacunas, deixando de desejá-las.

Ela sorriu de uma forma irritante.

- Eles negam assim como você nega o ciúme. Você não o supera e pelo hábito permanece comigo. Você não deixa de desejar outras mulheres, mas só por isto não é superior.

- Não! Eu permaneço com você porque existem coisas que só me fazem sentir reconhecido em você e se a largasse me sentiria novamente perdido.

- Não tão perdido assim. Você pode muito bem achar outras mulheres.

- Mas há partes minhas que só encontro em você.

- Por exemplo?

- Sua capacidade de criticar não somente os outros como a si mesma; sua revolta com o que é considerado normal; seu olhar perdido; até sua melancolia me faz lembrar de mim mesmo. Eu reconheço os motivos que me fazem amar você. Não gosto quando encontro casais que nem sequer sabem porque estão juntos e atribuem sua ligação a uma causa obscura ou mágica. Então quando se separam atribuem a um mesmo não sei o quê.

Ficou levemente ruborizada.

- Desculpe-me.

- Por quê?

- Acho que subestimei seu amor por mim.

- Talvez.

E depois emendei:

- Está desculpada, afinal para que levar tudo a sério.

(continua no próximo BOCA)

Esta é uma redação que escrevi para uma loja que estava procurando empregados. Eles pediam para escrever uma redação de poucas linhas com tema livre. Escrevi espontaneamente e só depois coloquei o título. Como sei que na loja ninguém a leu ou irá lê-la, não quis deixar isto como uma perda de tempo e resolvi mandar para o BOCA. Para que possam falar mal a vontade.

Certo dia, aos dez anos. Estava eu indo ao meu colégio, onde cursava a quarta série do primeiro grau e onde fazia, também, minha primeira comunhão. Quando me deparei com um mendigo com um telefone na mão. Telefone igual àquele que o Bozo usava em seu programa para falar com os "amiguinhos": vermelho com aquela "rodela" para discar no centro. O mendigo esticou o telefone em minha direção e disse:

- *Ópa! Toma!*

Eu assustado e confuso com a oferta disse:

- *Num quero não, brigado.* - E continuei andando
- *Toma!.* - disse o mendigo ficando em minha frente- *É pra falar com Deus.*
- *Mas eu não tenho nada pra falar com Ele-* Disse eu na minha mais completa ingenuidade.
- *Num precisa falá intão! Só iscuta.*

Assim, como eu não tinha outra opção, sabia que aquele cara não ia desistir mesmo de me dar aquele maldito telefone, resolvi pegá-lo. E o mendigo disse:

- *Coloca no ouvido... coloca.*

Coloquei. E por incrível que pareça haviam vozes saindo de lá. Era uma conversa entre dois homens: um com a voz branda e outro com a voz rasgada e estridente. Não havia nenhum fio ou outra coisa ligada ao telefone. O que era aquilo!? Tirei o telefone do ouvido na hora.

O mendigo olhou enfezado para minha atitude e assim voltei a colocar o telefone no ouvido. A conversa continuava e era

muito complicada. Muito aquém do que minha capacidade para compreender pudesse alcançar na época e talvez, até hoje. Como em um texto dos mais complexos tratados filosóficos, eu só conseguia entender as palavras, mas nada do significado em que o contexto da conversa as instaurava. Ouvia palavras como: guerra e sangue; paz e amor; tentação e desculpa; religião e medo; satisfação e loucura e outras de que não me lembro bem.

O mais estranho é que as duas vozes estranhamente pareciam se encaixar: a estridente sempre gritando e a branda sempre suave e calma. Percebia que quase todas as opiniões eram contrárias entre eles, mas que eles se interdepunham e por isso a discussão tinha de continuar. Continuei ouvindo e o mendigo ficava me olhando sorrindo com o rosto curvado, quase que encostando o ouvido no ombro. Fiquei minutos ouvindo aquela conversa sem sentido para mim, que hora esquentava, hora esquentava mais ainda. Os dois pareciam cada vez mais díspares, até que no auge da disparidade, a voz estridente falou uma frase que entendi por completo:

- *Tá bom então Diabo! Foda-se! Não quero saber!*- E desligou o telefone.

Fiquei com medo.

"Queria falar com Deus mas como não consigo achá-Lo vou falar com o Diabo, pois eles devem ser muito amigos"*

Personagem principal do filme O Sétimo Selo de Ingmar Bergman

** Deus se esconde no céu*

AGENDA

Ciclo "A Subjetividade em Questão" - "Pensar o sujeito em Nietzsche" - 22 de junho, sexta-feira, às 20h – com Alberto Marcos Onate, prof. de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná, membro do GEN, doutorando da USP; e de João Augusto Pompéia, psicólogo, psicoterapeuta e prof. de Fenomenologia da PUC-SP – no auditório do CRP (R. Arruda Alvim, 89, Jd. América) – inscrições antecipadas pelo telefone 3061-9494.

Assembléia sobre Fundações na USP – quarta feira, 20 de junho, às 12h, na sala Aurora (palestrantes a confirmar)

Exibição e Debate do filme "Arquitetura da Destruição" – sexta-feira, dia 22, às 14h15, na sala Aurora, com o Prof. João Frayze.

Festa Junina da Psico - sexta-feira, 22 de junho, horário a confirmar

Tudo que sobe desce?

Renato (01)

Naquela manhã, acordei com meu pai ao pé da cama:

- Filho, você não queria tanto ir para o trabalho do papai?

- Claro! Vamos hoje, pai? - perguntei cheio de expectativas...

- Levanta, filhão! Temos muito serviço neste dia!

Pulei da cama e aprontei-me em poucos minutos. Tinha uns dez anos e sonhava com aquele dia há algum tempo. Meu pai trabalhava em um escritório que ocupava um andar de um grande edifício no centro de São Paulo, perto do vale do Anhangabaú.

Mal havíamos chegado e meu pai já me apresentava para todos os colegas, cheio de orgulho. Arrumaram uma cadeira que ficava de frente à mesa de meu pai - deslumbrava-me em assisti-lo tomando decisões, convocando reuniões etc...

De repente, ouvi: "fogo, fogo!" Meu pai levantou-se e pegou em minha mão:

- Calma, filho, venha sempre comigo.

Saimos correndo para as escadas, precisávamos descer logo.

Uma multidão fazia a mesma coisa, quando nos encontramos com outra, vindo no sentido oposto, dizendo aos gritos que o fogo vinha subindo e não era mais possível descer. Ao ver aquela turma subindo, chorei de desespero. Precisávamos subir ao teto e esperar salvação. Meu pai dizia que tudo iria ficar bem. Subimos todos, aos empurrões - passávamos por cima de pessoas caídas, mas todos faziam o mesmo, pois a única coisa em que se pensava era sair daquele fomo. No terraço, ficamos esperando socorro. Podia perceber, pela expressão de meu pai, que a

situação era realmente grave. Ele olhava para mim como quem dizia: "Por que fui trazê-lo justo hoje?!" À medida que o fogo ia subindo e aquecendo a laje, as pessoas iam ficando desesperadas e se agarravam umas às outras. Eu gritava e chorava desesperado com o calor e a fumaça que ardia o nariz, olhos e pulmões.

Meu pai procurava desesperadamente por socorro e não desgrudava de minha mão. Depois, alguns helicópteros jogaram leite e sacos plásticos cheios de água. Mas ninguém tomava o leite ou água, todos preferiam estourar os pacotes e molhar o corpo. Quando o fogo chegou próximo ao terraço, a temperatura era tão alta, que, apesar de as labaredas ainda não estarem tão próximas, a pele começava a soltar e formar bolhas. As unhas de alguns dos meus dedos começaram a separar-se da carne e o calor continuava aumentando. Eu pensava sem parar em minha casa, em toda família junta. Vi, então, o semblante de meu pai aliviar-se, com a chegada de um helicóptero que passava bastante baixo.

Meu pai correu comigo na direção do helicóptero e; como era criança, fui o primeiro a ser salvo. Queria que meu pai viesse também, mas quando olhei para trás a procurá-lo, percebi que uma multidão amontuava-se na tentativa de ser salva. De cima, pude notar que muitas pessoas já estavam mortas e temi muito por meu pai. De repente, um outro helicóptero apareceu ao meu lado. Pude ver que meu pai estava nele e acalmei-me. Era um helicóptero diferente, todo branco, talvez fosse uma ambulância voadora, pensei. Papai olhou-me com única ternura e um pouco de tristeza. Seu helicóptero não desceu, só subia...

GRAVIDEZ E CELEBRAÇÃO

Chá de Bebê

Hideaki (99) e Guilherme (98)

No dia 12 de Junho, ocorreu o Chá de Bebê da Val e sua filha Isabela, marcando sua despedida temporária do Instituto. Houve a entrega dos presentes ofertados pelo pessoal da Psico, com a Val adivinhando o conteúdo de cada pacote, com direito a castigo em cada resposta errada. Além disso, por iniciativa da Gabi (99), foi desenhado um "Ser- Mandala", com a participação de vários alunos presentes durante a "cerimônia". Os presentes na festa, receberam de lembrança uma miniatura de mamadeira, da Val.

A Val está no Xerox do IP desde o ano de 1995. Nessa época, a biblioteca nova ainda não estava pronta, sendo que o serviço de livros era oferecido nas salas do fundo do primeiro andar. Em 95, ela também estava esperando um filho, portanto, trabalhou no período entre Abril e Agosto e, em 96, voltou "pra ficar". Segundo a Val, foi interessante "participar do dia-a-dia das pessoas. De um certo ponto para cá, deixei de me sentir apenas comerciante para viver, aprender junto com as pessoas". Um fato marcante nesses sete anos foi a homenagem que recebeu dos formandos do ano passado, durante a Solenidade de Colação de Grau. Ficou sabendo da gravidez em Novembro do ano passado, o que foi uma surpresa, mas com o apoio das pessoas, pôde

passar pelo "período de aceitação". Durante sua passagem na Psico, viveu duas greves e conheceu várias gestões do C.A., tendo relações mais tensas no início e agora mais facilidade para conversar com os seus integrantes. Entre os professores, teve maior contato com os seguintes: César, Edu, Vera Stella, "Prof^a Rorschach", Walquíria, Audrey, Irai, Eda e Teresa, que até lhe trazia presentinhos. A Val teve um papel muito importante na organização das pastas das disciplinas, o que por vezes beneficiou até os professores.

Não está em seus planos o retorno para a Psico ainda neste ano, pois quer aproveitar os primeiros meses de sua filha (com o nascimento programado para 07/04, Independence Day), o que não impede que elas venham nos visitar, quem sabe, acompanhadas pelo Fabinho (para quem não o conhece, vide BOCA n° 4 / 2000, p. 3, na Coletânea que está disponível no C.A.). Se, ao contrário, alguém quiser visitá-la em Cotia, "pode vir!". A mensagem dela para os alunos é:

"Aprendi muito com os alunos, pelo que sou hoje. Aprendi a ser mais paciente, tolerante".

Val, boa sorte! Estamos esperando o seu retorno com sua filhinha!